

# Projeto Design Social: geração de renda e resgate cultural através do design associado ao artesanato

## **Carolina Iuva de Mello**

Professora assistente do curso de Desenho Industrial da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Santa Maria, RS.  
*E-mail:* carolinaiuva@gmail.com

## **Rosimeri Franck Pichler**

Graduanda em Desenho Industrial pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Santa Maria, RS.  
*E-mail:* rosi.pichler@gmail.com

## **Caroline Muller**

Graduanda em Desenho Industrial pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Santa Maria, RS.  
*E-mail:* efeitosdotempo@gmail.com

## **Fabiane Vieira Romano**

Professora adjunta do curso de Desenho Industrial da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Santa Maria, RS.  
*E-mail:* fabiromano@gmail.com

## **Luciana Battistella**

Professora adjunta do curso de Administração da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - Santa Maria, RS.  
*E-mail:* lutti@ufsm.br

## **Social Design Project: income generation and cultural revival through the design associated with handicrafts**

### **Abstract**

*This article aims to report on the development of a project whose main objective is to promote economic and social development of communities in vulnerable situations by bringing craft and design in product development to rescue elements of local culture. The practical activities of the project began in March 2010 at the Centro Comunitário Nossa Senhora do Calvário, located in Vila Jardim, a poor community of Santa Maria, Rio Grande do Sul, and were finalized in December 2012.*

### **Keywords**

*Design. Income generation. Cultural revival. Handicrafts.*

---

## **Resumo**

Este artigo relata um projeto cujo objetivo principal é promover o desenvolvimento econômico e social de comunidades em situação de vulnerabilidade pela aproximação de *design* e do artesanato na elaboração de produtos que resgatem elementos da cultura local. As atividades práticas tiveram início em março de 2010 no Centro Comunitário Nossa Senhora do Calvário, localizado na Vila Jardim, comunidade carente da cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, e foram finalizadas em dezembro de 2011.

### **Palavras-chave**

Design. Geração de renda. Resgate cultural. Artesanato.

---

## **INTRODUÇÃO**

A extensão universitária é um meio de agregar à formação acadêmica do aluno a experiência profissional e comunitária necessária a sua melhor qualificação e ao atendimento das demandas sociais, contribuindo assim para o desenvolvimento regional. Essa prática é de suma importância para o estudante de *design*, que tem como uma de suas principais preocupações compreender as relações do ser humano com o meio em que vive e promover a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Com base nos indicadores de desenvolvimento sustentável – Brasil 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), no que tange às dimensões sociais, objetivos ligados à satisfação das necessidades humanas, melhoria da qualidade

de vida e justiça social, as desigualdades sociais e a má distribuição de renda são os problemas mais graves enfrentados pelo país. Em 2008, o percentual de famílias com residência particular e rendimento *per capita* de 1/2 a 1 salário mínimo foi de 26,4% para apenas 5% de famílias com rendimento familiar acima de 5 salários mínimos. A comunidade participante da ação de extensão vive uma realidade semelhante à citada pois, mediante pesquisa aplicada, verificou-se que a maioria das famílias vive com até um salário mínimo proveniente do Bolsa Família.

Desta forma, é possível compreender a necessidade de pensar novas perspectivas para as famílias de baixa renda para que esses níveis percentuais e as discrepâncias sociais sejam minimizadas. Com o intuito de promover esta melhoria, criou-se o projeto de extensão ‘*Design Social: geração de renda e resgate cultural através do design associado ao artesanato*’, que tem como objetivos promover a autonomia e o empreendedorismo por meio de oficinas de capacitação, bem como o desenvolvimento de produtos que revelem características da cultura local e a participação dos envolvidos em todo o processo.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Brasil possui uma diversidade cultural bem acentuada devido ao processo de colonização e às migrações que ocorreram ao longo de sua história. Cada região possui e cultiva características e costumes próprios. Porém, o Brasil, assim como os outros países, vive uma era de grandes mudanças, em que a fronteira tempo-espaco está diminuindo cada vez mais, e a aproximação e as trocas culturais são efetuadas de forma mais intensa, relacionando-se umas com as outras. Esse fenômeno, denominado globalização, fez do indivíduo um ser multicultural.

Segundo Albagli (2004), a globalização se define pela intensificação das relações sociais em escala global, em que eventos que ocorrem a milhas de distância interferem nos acontecimentos locais,

não havendo mais espaços isolados, preservados dessas interferências. Com isso, a homogeneização das culturas tornou-se uma preocupação e a globalização a possível promotora do declínio das identidades e da desconstrução do local.

Entretanto, as culturas locais vêm sendo valorizadas e a preocupação com relação ao resgate de técnicas e tradições passou a permear discussões em diversas áreas do conhecimento. De acordo com Borges (2003, p. 63), “quanto mais a tal da globalização avança trazendo consigo a desterritorialização, mais [...] a gente sente necessidade de pertencer a algum lugar, àquele canto do mundo específico que nos define”. E esse processo de valorização da cultura local se dá com a exploração das características regionais e com a participação dos protagonistas da localidade.

Durante algum tempo também se acreditou que a industrialização iria acabar com a produção artesanal de bens, da mesma forma que a globalização iria matar as expressões culturais locais. Hoje, ao contrário, há vários indícios de que o lugar do artesanato na sociedade contemporânea está se expandindo. Esse crescimento se dá muito em função da dimensão simbólica desses produtos, sua capacidade de aportar ao usuário valores que vêm sendo mais reconhecidos recentemente, como calor humano, singularidade e pertencimento (BORGES, 2011).

Neste sentido, destacam-se os conceitos de desenvolvimento local e *design* social. O conceito de desenvolvimento local provém do conceito de sítio simbólico de pertencimento, ou seja, um desenvolvimento que melhore as condições do local com base no respeito à cultura, tradições, imaginários, desejos e necessidades das pessoas que a ele pertencem (LANGENBACH, 2008).

Já o *design* social, de acordo com Löbach (2001), trata de uma questão ética e social orientada pelos problemas da sociedade e tem como meta a melhoria das condições de vida de determinados grupos, colocando os problemas do usuário como

centro das atenções no projeto, respeitando o meio ambiente, a cultura como valor agregado e privilegiando a mão de obra local. Um dos pioneiros a tratar do papel social do design foi Victor Papanek, em 1972. No seu livro intitulado *Design for the real world*, ele aponta para o potencial danoso do desenho industrial (PAPANEK, 2004). Desde então, diversos *designers* têm se envolvido com a questão social para minimizar os impactos negativos da profissão na sociedade, seja por de ações visando à geração de renda para comunidades carentes ou pelo desenvolvimento de projetos específicos para os necessitados, idosos ou deficientes (MARGOLIN e MARGOLIN, 2002).

A abordagem requerida pelo *design* de cunho social é a participativa. As relações entre os atores locais e os designers são importantes nesse contexto, no qual os *designers* atuam como facilitadores no processo de busca de soluções para os problemas da comunidade em questão, envolvendo os membros da comunidade no processo de criação e desenvolvimento projetual sem deixar de levar em consideração seus conhecimentos, capacidades e necessidades locais.

Portanto, a participação dos atores locais é de suma importância para o desenvolvimento de uma ação integrada que gere resultados e soluções inovadoras e permanentes. Segundo Manzini (2008), não há mudança sistêmica se ela não for focada em uma escala local. Portanto, desenvolver um projeto que trabalhe a valorização da cultura local precisa, além de reunir referenciais locais e aplicá-los em produtos para posterior comercialização, promover diálogo com os agentes locais para que o resgate seja eficiente e coerente com a realidade. Esse diálogo entre os agentes locais e a comunidade vai ao encontro da prática educativa emancipadora proposta por Paulo Freire, centrada nos sujeitos, os quais são produtores de conhecimento e não apenas receptores. O diálogo, então, configura-se como o método de relação entre os sujeitos, as diversas partes se encontram em permanente interação (FREIRE, 2006).

Para uma prática emancipatória, é necessário compreender as complexidades das diferentes realidades sociais. Assim, as relações entre os indivíduos se fundamentam em uma mútua apropriação de conhecimentos. Abbonizio (2009) propõe que essa interação entre o *design* e as comunidades seja denominada ‘*design* de colaboração’. Para que essa colaboração ocorra adequadamente, é necessário alternar a visão do designer como solucionador de problemas, para o *designer* como participante de um processo de mudança por meio de uma prática educativa. Nesse processo de mudança ocorre a valorização do saber específico e sua integração com o saber acadêmico, em condições igualitárias (ABBONIZIO, 2009).

A realização de projetos de extensão no ambiente universitário integra os acadêmicos à realidade social de sua região e permite que o conhecimento acadêmico esteja a serviço das reais necessidades da sociedade. Tal aproximação resulta em crescimento mútuo e na busca por uma sociedade mais igualitária, bem como novas perspectivas de desenvolvimento local sustentável através do *design* social e da valorização da cultura local.

## METODOLOGIA ADOTADA

Do ponto de vista metodológico, o projeto se desenvolveu por meio de uma pesquisa-ação, que segundo Benbasat *et al.* (1987), pode ser considerada um tipo de estudo de caso, com a diferença que o pesquisador deixa de ser um simples observador para ser um participante, e o processo de mudança torna-se seu objeto de pesquisa.

A pesquisa-ação tem base empírica, isto é, lida com processos de interação face a face, na qual o pesquisador precisa ir a campo, isto é, precisa inserir-se no espaço social coberto pela pesquisa; estar com pessoas e presenciar as relações sociais que os sujeitos pesquisados vivem. É uma modalidade de pesquisa que se faz em presença (MEKSENAS, 2007).

A pesquisa-ação “visa desvendar um leque aberto composto de possibilidades de ação progressivamente descobertas, formuladas ou escolhidas pelos grupos que participam ativamente no processo” (THIOLLENT, 1997, p. 25). Neste caso, o projeto tem o objetivo de aproximar os estudantes de *design* dos problemas da sociedade, promovendo melhorias reais às vidas das pessoas da comunidade atendida.

[...] a pesquisa, como ato de conhecimento, tem como sujeitos cognoscentes, de um lado, os pesquisadores profissionais; de outro, os grupos populares e, como objeto a ser desvelado, a realidade concreta. [...] Deste modo, fazendo pesquisa, educo e estou me educando com os grupos populares. Voltando à área para pôr em prática os resultados da pesquisa não estou somente educando ou sendo educado: estou pesquisando outra vez. No sentido aqui descrito pesquisar e educar se identifica em um permanente e dinâmico movimento (FREIRE, 1988, p. 36).

Segundo Thiollent (1997), uma pesquisa-ação envolve as seguintes fases: fase exploratória (diagnóstico para identificar um problema); fase principal (planejamento da ação, considerando as ações como alternativas para resolver o problema); fase de ação (execução das ações, com seleção de um roteiro de ações); fase de avaliação (avaliação das consequências da ação).

Para a realização da ação de extensão, é de extrema importância a criação de uma metodologia que garanta o encaminhamento das atividades e a conclusão e obtenção dos objetivos propostos. Para isso, somado aos conhecimentos obtidos sobre pesquisa-ação, foi realizado um levantamento dos métodos já aplicados de atuação do *design* em comunidades em situação de risco (ex.: BOTELHO, 2005; ABBONIZIO, 2009; BORGES, 2011) que serviram de base para as cinco etapas metodológica propostas no presente projeto.

A fase exploratória foi denominada **reconhecimento local**, visando à integração do público-alvo ao projeto e dos acadêmicos à realidade do público-alvo com a troca de conhecimentos e conversas informais. As demais fases – fase principal, fase de ação e fase de

avaliação – foram adaptadas para **reconhecimento das capacidades produtivas locais**, em que foi realizado levantamento das possibilidades e oportunidades de produções e materiais disponíveis na comunidade; **reconhecimento da identidade cultural**, em que elementos e símbolos da cultura local são pontuados para posterior aplicação em produtos; **formação do público atendido**, a realização de oficinas específicas para aprimorar as técnicas utilizadas nos produtos; **projeto de novos produtos**, geração de novas possibilidades de produtos a serem desenvolvidos pela comunidade; finalizando na fase de **avaliação e conclusão do projeto**.

No decorrer de todas essas etapas, a comunidade foi instigada a participar efetivamente para que no futuro possa tornar tais práticas permanentes e assim manter a atividade como fonte de renda.

## RESULTADOS

A comunidade definida para o desenvolvimento do projeto foi a Vila Jardim, que se localiza na cidade de Santa Maria – RS. Entre os motivos da escolha, além da proximidade com a Universidade Federal de Santa Maria, destacam-se também os problemas sociais enfrentados pela comunidade e a parceria firmada com o Centro Comunitário Nossa Senhora do Calvário, que disponibilizou o espaço e alguns equipamentos para a execução do projeto.

No primeiro encontro com as moradoras, realizado em março de 2010, contou-se com a participação de quatorze mulheres, as quais apresentavam idades bem variadas, dos 17 aos 61 anos de idade. Em média, suas famílias são compostas por quatro pessoas (mínimo de 2 e máximo de 9 pessoas morando na mesma casa) e a maioria delas vive com apenas um salário mínimo. Havendo máquinas de costura disponíveis no Centro Comunitário, questionaram-se as moradoras sobre a existência de conhecimento prévio sobre costura, as quais se manifestaram negativamente. A maioria nunca havia realizado nenhum trabalho artesanal, sendo necessário iniciar com a confecção de produtos de

baixa complexidade, até que todas possuíssem um padrão de produção satisfatório.

Com base nessas informações, optou-se por estudar produtos de baixo custo e com técnicas de fácil aprendizagem. Os requisitos citados colaboraram para a proposta de iniciar a produção por sachês. Após o começo da produção, que possibilitou um contato motivador entre estudantes e moradoras, passou-se a trabalhar os símbolos da cidade e região no desenvolvimento dos produtos, atendendo assim ao objetivo de resgatar a cultura local proposta no projeto. Como Santa Maria é a região central do Rio Grande do Sul e possui como slogan “Santa Maria, o coração do Rio Grande”, passou-se a elaborar os sachês em forma de coração e, posteriormente, foi adicionado um laço com o objetivo de resgatar o nó maragato, típico do estado, tornando o produto mais atrativo e versátil, podendo ser usado como chaveiro e móbile. Paralelamente, aproveitaram-se as doações de tecido existentes no Centro Comunitário para a confecção de carteiras. A figura 1 mostra os produtos criados em 2010.

FIGURA 1  
Produtos desenvolvidos em 2010



A marca do projeto foi elaborada em conjunto com as moradoras. Inicialmente foi aplicado um questionário e foram realizadas entrevistas informais; em seguida foram apresentadas três propostas de marca, para que elas pudessem escolher a que melhor as representasse. A marca escolhida (figura 2) possui referência formal com o nome do projeto: Artesanato Vila Jardim. Também foram criados outros materiais gráficos, como cartão de visita e etiquetas, com o objetivo de divulgar o projeto e os produtos.

A partir dos encontros semanais realizados e através de conversas entre os universitários e as moradoras, surgiu o interesse em aumentar o grau de complexidade dos produtos com o uso de máquinas de costura. Contudo, as máquinas disponibilizadas pelo Centro Comunitário não apresentaram condições de uso suficiente devido à falta de manutenção. Aliado a isso, houve considerável desistência por parte das moradoras, o que acarretou desmotivação dos demais envolvidos e dificuldade em fazer novos produtos.

Concluídos os encontros do ano de 2010, os acadêmicos reuniram-se para avaliar as atividades e tentativas efetuadas, a fim de propor melhorias e novas abordagens com relação ao desenvolvimento de produtos e à comunicação com o público-alvo.

FIGURA 2  
Marca do projeto



Assim, optou-se por inicialmente criar uma linha de produtos com a pretensão de captar mais participantes e, no decorrer dos encontros, passar a aperfeiçoar os objetos de forma colaborativa. Adotou-se esta medida devido à dificuldade observada nos momentos em que se solicitava que as moradoras se envolvessem com a criação e ao mesmo tempo com a aprendizagem da técnica. Dado o fato de não possuírem conhecimentos prévios, elas se sentiram incapazes e constrangidas de compartilhar com o grupo, o que pode ter sido um dos fatores da desistência ocorrida no ano anterior.

A linha de produtos criada pelos estudantes surgiu a partir do estudo referente ao patrimônio histórico edificado da cidade de Santa Maria, mais especificamente a Vila Belga. A Vila Belga é considerada o primeiro conjunto habitacional do Rio Grande do Sul, e sua construção iniciou-se em 1898. Com 84 casas construídas nos moldes das cidades operárias da Bélgica e da França, ela servia de moradia aos trabalhadores e técnicos da Estação Férrea (GARE) que precisavam permanecer próximos à estação para eventuais trabalhos noturnos. A obra é tombada pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado.

Para projetar a linha, foi feito um estudo com referenciais imagéticos das habitações, em que detalhes foram trabalhados e sintetizados para posterior aplicação (figura 3). Quanto às técnicas manuais definidas para o novo produto, considerando a dificuldade das moradoras em atividades minuciosas, a estampa com carimbos feitos artesanalmente foi a melhor alternativa, pois além de serem facilmente confeccionados e de baixo custo, apresentam uma versatilidade interessante para posteriores modificações.

No ano de 2011, as atividades práticas do projeto foram transferidas para a sede da Associação CUICA (Cultura, Inclusão, Cidadania e Artes), também na Vila Jardim, e mantiveram-se as mesmas participantes que frequentavam o projeto no ano anterior, não havendo modificação na descrição dos envolvidos. Foram então realizadas oficinas sobre o processo de estampa com carimbos

FIGURA 3  
Processo de criação dos produtos inspirados na Vila Belga



confeccionados com a temática da Vila Belga e oficinas de estêncil para a fabricação de bolsas e chaveiros.

A linha inicialmente era composta por bolsas e almofadas (figura 4) e as estampas trabalhadas diretamente sobre o tecido da bolsa ou sobre tecidos coloridos, para evidenciar as características da Vila Belga.

Ao longo do projeto mais produtos foram incorporados à linha, como capas para térmica, *nécessaire*, carteiras e chaveiros. Além disso, fez-se um estudo dos laços gaúchos e, através da técnica do estêncil, aplicou-se a estampa em alguns dos produtos desenvolvidos (figura 5).

Também foram criadas algumas bolsas e capas para térmicas com a marca da associação parceira do projeto, CUICA, para serem vendidas em seus

FIGURA 4

### Alguns produtos da linha Vila Belga



FIGURA 5

### Produtos com resgate dos laços gaúchos



eventos. Os produtos tiveram boa aceitação nas feiras em que foram expostos na cidade.

Com o intuito de motivar as participantes do projeto, foi realizada uma oficina de capacitação pelo Sebrae sobre o tema 'empreendedor individual'. A ação teve por objetivo incentivá-las a utilizar os conhecimentos propiciados pelo projeto para gerar renda, melhorar sua qualidade de vida e principalmente, legalizar a profissão de artesã.

Em se tratando da comunicação do projeto, foi criado um endereço no Flickr, que pode ser visualizado pelo link <http://www.flickr.com/photos/artesanatovilajardim>, para divulgar e apresentar o processo de desenvolvimento das atividades juntamente com as moradoras. Além disso, manteve-se um blog (<http://projetovilajardim.blog.com>), com a intenção de relatar o que acontecia dentro e fora de cada oficina de capacitação, além de divulgar feiras, campanhas e todas as mudanças ocorridas ao longo do projeto.

O projeto em questão foi finalizado em dezembro de 2011. Os resultados foram satisfatórios e enriquecedores. Espera-se que a experiência propicie novas oportunidades para as participantes.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto proporcionou aos envolvidos uma enriquecedora aproximação entre academia e sociedade e, principalmente, entre o *design* e o artesanato. Por meio desta união visualizaram-se boas oportunidades e possibilidades do desenvolvimento de produtos sociais, que além de resgatar a cultura local, promovem o crescimento social e econômico das comunidades.

A valorização das culturas locais foi identificada como um diferencial competitivo nas iniciativas sociais, e encontra-se inserida no contexto do *design*. O estudo das culturas locais está servindo de inspiração para novos produtos, e é de suma importância que as comunidades façam parte deste processo a fim de que todos sejam beneficiados e contribuam para um resultado mais efetivo.

Havendo o envolvimento dos agentes locais, o processo ocorre de forma mais clara, motivada e duradoura. O *design* pode e deve se beneficiar dessa aproximação, agregando conhecimentos e incorporando-os no desenvolvimento de produtos que estejam cada vez mais integrados ao meio. Assim, o profissional de *design* passa a ser um agente de transformação social, pois é capaz de modificar e melhorar o meio em que vive e a vida dos participantes das ações.

### AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer à Universidade Federal de Santa Maria, ao Ministério da Educação do Governo Federal, através do Programa de Extensão Universitária (ProExt), ao Centro Comunitário Nossa Senhora do Calvário, à Associação CUICA e aos demais parceiros que viabilizaram este projeto.

---

Data de submissão: 24-04-2012      Data de aceite: 04-07-2012

---

## REFERÊNCIAS

- ABBONIZIO, M. A. de O. *Aproximação teórica das intervenções de design no artesanato com os princípios pedagógicos de Paulo Freire: caminhos para uma prática emancipatória*. 2009. 136 f. Dissertação (Curso de Pós-Graduação em Design) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.
- ALBAGLI, S. Território e territorialidade. In: LAGES, V. N. et al (Org.). *Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégias de inserção competitiva*. Rio de Janeiro: Relume Dumará ; SEBRAE, 2004.
- BENBASAT, I.; GOLDSTEIN, D.K.; MEAD, M. The case study research strategy in studies of information systems. *MIS Quarterly*, v.11, n. 3, p. 369-386, 1987.
- BORGES, A. *Designer não é personal trainer: e outros escritos*. 2ª. ed. São Paulo: s Rosari, 2003. (Coleção Textos Design).
- \_\_\_\_\_. *Design + artesanato: o caminho brasileiro*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- BOTELHO, V. S. *Design e artesanato: um estudo comparativo entre modelos de intervenção*. 2005. 83 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Departamento de Design, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.
- FREIRE, P. Criando métodos de pesquisa alternativa. In: BRADÃO, C. R. (org.) *Pesquisa Participante*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- IBGE. *Indicadores de Desenvolvimento Sustentável: Brasil 2010*. 2010. Disponível em: <[www.ibge.gov.br/home/geociencias/recursosnaturais/ids/ids2010.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/recursosnaturais/ids/ids2010.pdf)>. Acesso em: 20 dez. 2011.
- LANGENBACH, M. *Além do apenas funcional. Inovação social e design de serviços na realidade brasileira*. 2008. 123 f. Dissertação. (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- LÖBACH, B. *Design industrial: bases para a configuração dos produtos industriais*. São Paulo: Edgar Blusher, 2001.
- MANZINI, E. *Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais*. Tradução de C. Cipolla. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.
- MARGOLIN, V., MARGOLIN, S. A “Social Model” of Design: Issues of Practice and Research. *Design Issues*, v.18, n. 4. 2002.
- MEKSENAS, Paulo. *Sociologia da Educação: uma introdução ao estudo da escola no processo de transformação social*. São Paulo: Edições Loyola, 2007
- PAPANEEK, V. *Design for the real world*. 2. ed. London: Thames & Hudson, 2004.
- THIOLLENT, M. *Pesquisa-Ação nas Organizações*. São Paulo: Atlas, 1997.